

ITESC – INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA

Em funcionamento desde o ano de 1973, o Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) tem por finalidade a formação teológico-pastoral de futuros presbíteros, bem como a colaboração na formação teológica e pastoral de religiosos(as) e leigos(as), comprometidos com o povo de Deus, para uma Igreja toda ministerial.

Além do **CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**, o ITESC oferece ainda os seguintes cursos:

Pós-Graduação:

- Diálogo Ecumênico e Inter-religioso
- Direito Matrimonial Canônico e Pastoral Familiar

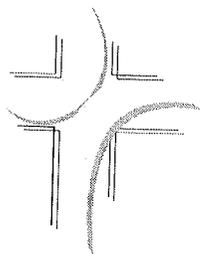
Extensão:

- Escola de Coordenadores de Pastoral
- Teologia Sistemática para Leigos e Leigas
- Bíblia para Leigos e Leigas



BIBLIOTECA

O ITESC possui uma biblioteca com cerca de 30.000 volumes, onde você poderá realizar uma rica pesquisa! Venha conhecer!



Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524
Bairro Pantanal
88040-0001 Florianópolis, SC
Tel./Fax: (48) 3234-0400
E-mail: secretaria@itesc.org.br
Home Page: www.itesc.org.br

VENHA FAZER UMA VISITA PARA CONHECER O ITESC!



Resumo: Um documento do Magistério, como o Documento de Aparecida, só se torna vida na Igreja, quando for “recebido” pelo conjunto do povo de Deus. Em última análise, só haverá recepção da proposta missionária de Aparecida, quando ela for integrada na ‘regra de fé’ (regula fidei) e, conseqüentemente, quando assumida em estreita relação com o ‘sentido da fé’, o *sensus fidei* do povo de Deus. A recepção é um processo que envolve basicamente quatro elementos: o tempo, que diz respeito ao fato de a recepção se inscrever num processo histórico, gradativo; o espaço, que evoca as condições sociais, políticas, econômicas, culturais e eclesiais de um lugar determinado, em meio às quais se dará o processo de recepção; os atores, que concerne à interação de diferentes pessoas ou grupos que serão os agentes do processo; e, finalmente, o objeto em causa, que se remete ao conteúdo a ser recebido, à proposta em causa. Como se trata de um processo de conversão, o protagonista do processo é sempre o Espírito Santo, que age em toda a Igreja.

Abstract: The document of the Magisterium, as outlined in the Document of Aparecida, needs to be approved and welcomed by all the members of the Church in order to gain vitality in the life in the Church. In a final assessment, the proposal of missionary engagement needs a close relation between the norms of faith (regula fidei) i.e. *sensus fidei* and its acceptance by all members of the Church. There are four elements to be taken in to account: “time”, as regards its acceptance during the periods of history; “space” as regards social, political, economic, cultural, and ecclesial conditions for acceptance; “agents”, as regards the operations of different people or groups who will be the subjects of process; and finally, the “object” in question which refers to the content to be received in response to the offer implied in the cause. Since it deals with the process of conversion, the protagonist will always be the Holy Spirit acting in the Church.

Para uma recepção criativa da proposta missionária de Aparecida

*Agenor Brighenti**

* Presbítero brasileiro, professor de teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) e na Universidade Pontifícia do México (UPM). Foi perito do CELAM na Conferência de Santo Domingo e da Conferência dos Bispos do Brasil em Aparecida.



Não basta a publicação de um documento, seja pelo Papa ou ainda pelo conjunto do episcopado, para que seu conteúdo se torne vida na Igreja. Recordava Paulo VI, no término dos trabalhos do Vaticano II que “um concílio não termina de maneira definitiva com a promulgação dos decretos, pois estes, mais do que um ponto de chegada, são um ponto de partida para novos objetivos”. Todos nós conhecemos bons documentos, que continuam engavetados, inclusive por seus autores.

Recentemente, tivemos a grata surpresa da Quinta Conferência de Aparecida, com a proposta de uma Igreja em estado permanente de missão, em pequenas comunidades, à luz da opção pelos pobres, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham vida. Mas, não basta um bom documento com uma boa proposta missionária. Mais importante que o pré-*Aparecida* e o próprio evento da Conferência é o pós-*Aparecida*. Para que decisões de uma assembléia, como a de Aparecida, se tornem vida, é preciso que a comunidade eclesial acuse “recepção”¹.

A recepção é um processo de assimilação progressiva, pois implica uma apropriação kerigmática, teológica e prática, que supõe, como diz *Aparecida*, conversão pastoral e renovação institucional de toda a Igreja. Por isso, a recepção só pode dar-se no conjunto do povo de Deus, não só por parte do magistério, como do conjunto dos fiéis, em especial dos leigos que, também neste particular, segundo a perspectiva da *Lumen Gentium*, não desempenham um papel passivo. Em última análise, só haverá recepção da proposta missionária de *Aparecida*, quando ela for integrada na ‘regra de fé’ (*regula fidei*) e, conseqüentemente, quando assumida em estreita relação com o *sensus fidei*.

1 Condições para uma recepção criativa de Aparecida

O processo da recepção se remete a uma atitude natural e permanente na Igreja. Desde sua origem a Igreja “recebe” o dom do amor do Pai, a Palavra de Deus, o Espírito Santo e, mais que isso, durante todo o percurso de sua existência ela recebe e continua recebendo o próprio

¹ Não é o caso, aqui, de fazer uma abordagem sobre a categoria teológica de “recepção”. Sobre a questão ver: Y. CONGAR, La réception comme réalité ecclésiologique, in *RSPT* 56 (1972) 369-403, aqui p. 370. O mesmo artigo foi resumido pelo próprio autor e publicado em Y. CONGAR, A recepção como realidade eclesiológica, in *Concilium* 77 (1972) 886-907 (edição brasileira).



Cristo². Há, na Igreja, uma ‘re-recepção’ contínua e necessária, na medida em que ela precisa se re-apropriar continuamente da Mensagem que ela proclama. Sua tarefa é receber, de uma maneira sempre renovada e adaptada às novas circunstâncias do mundo que a envolve pois, em certo sentido, a recepção da mensagem implica também receber o mundo, suas culturas, seus problemas, inclusive o pecado a sanar. O que não é assumido não é redimido, dizia Irineu de Lion.

Recepção e conversão pastoral

Para uma recepção criativa da proposta missionária de *Aparecida*, a primeira condição, tal como frisa o Documento, é uma conversão pastoral (*DAP* 370). Para desencadear um processo que leve a uma Igreja em estado permanente de missão, à luz da opção pelos pobres, em pequenas comunidades, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham vida, faz-se necessário uma *metanoia* no agir eclesial, ou seja, uma profunda mudança no âmbito das ações. Não basta mudança de mentalidade, simplesmente do ponto de vista psicológico ou mesmo teológico. Evidente, que a recepção implica disposição interior de acolhida da proposta³, disponibilidade de coração de todo o povo de Deus⁴, mas se da mente e do coração, a proposta de *Aparecida* não descer às mãos, ao fazer, nada muda, tudo continuará igual.

Afirma *Aparecida*, que todos, na Igreja, estão chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral (*DAP* 365), pois a ação eclesial não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros (*DAP* 367). O mundo mudou. A Igreja, para continuar sendo a Igreja de sempre, também precisa mudar muito. Novos desafios exigem novas respostas pastorais. Assim, é urgente superar nossas débeis vivências da opção preferencial pelos pobres (*DAP* 100b). Diante do fenômeno crescente da urbanização, temos uma linguagem pouco significativa para a cultura atual e em particular para os jovens, não se levando em conta a crise da modernidade. Falta presença no campo da cultura, do mundo universitário e da comunicação social (*DAP* 100d).

² Cf. J. ZIZIOLAS, The Theological Problem of “Reception”, in *Boletim Centro Pro Unione* 26 (1984).

³ Posição exposta por J. ZIZIOLAS, no Coloquio de Chevetogne sobre a Recepção, reproduzido por E. Lane a partir de fita magnética in E. LANNÉ, La notion ecclésiologique de réception, in *Révue Théologique de Louvain* 25 (1994) 30-45, aqui, p. 41-45.

⁴ Cf. UR 6 e 7.



Para *Aparecida*, re-visitando *Medellin*, uma Igreja em estado permanente de missão, implica passagem de uma “pastoral de conservação” para “uma pastoral decididamente missionária” (*Dap* 370). Trata-se de forjar um novo modelo de ação, uma nova forma de presença e de serviço no contexto em que a comunidade eclesial está inserida. Isso envolve o planejamento pastoral e a projeção das ações (*Dap* 365), em estreita conexão com os desafios oriundos do contexto onde se vai atuar como discípulo missionário de uma Igreja em estado permanente de missão.

Recepção e renovação eclesial

Para uma recepção criativa da proposta missionária de *Aparecida*, a segunda condição, tal como frisa o Documento, é uma renovação eclesial. Vinho novo (novas ações) exige odres novos, novas estruturas – *ecclesia semper reformanda*. Isso porque a recepção tem a ver com a comunhão entre todos os membros do Povo de Deus, sobre a base do *sensus fidelium*⁵. No processo de recepção, a comunhão joga um papel essencial⁶, pois a instituição é também mensagem, as estruturas são mensagem, o mensageiro é mensagem. Sem o suporte institucional correspondente, a melhor ação cai na inanição, a missão em mera campanha, o discipulado em voluntariado.

Assim, diz *Aparecida*, além dos planos pastorais, a missionariedade deve impregnar todas as estruturas eclesiais (*Dap* 365) e forjar mudanças estruturais profundas na Igreja, no interior de uma pastoral orgânica renovada (*Dap* 169). A renovação missionária da pastoral, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural, exige, com urgência, a criação de novas estruturas pastorais (*Dap* 173, cf. 450). E para que seja uma missão defensora e promotora da vida, a opção preferencial pelos pobres deve atravessar todas as estruturas e prioridades pastorais (*Dap* 396).

2 Elementos de um processo de assimilação progressiva de *Aparecida*

A recepção é um processo que envolve basicamente quatro elementos: o tempo, o espaço ou lugar, os atores e o objeto em causa⁷. O tempo

⁵ J.-M.-R. TILLARD, *Église d'Église. L'écclésiologie de communion*, Cogitatio Fidei, Les Éditions du Cerf, Paris 1987, p. 155.

⁶ *Ibid.*, p. 162-163.

⁷ Gilles ROUTHIER, *La réception d'un Concile*, Cogitatio Fidei-Les Éditions du Cerf, Paris 1993, p. 76.



diz respeito ao fato de a recepção se inscrever num processo histórico, gradativo; o espaço evoca as condições sociais, políticas, econômicas, culturais e eclesiais de um lugar determinado, em meio às quais se dará o processo de recepção; os atores concernem à interação de diferentes pessoas ou grupos que serão os agentes do processo; e, finalmente, o objeto em causa se remete ao conteúdo a ser recebido, à proposta em causa. Como se trata de um processo de conversão, o protagonista do processo é sempre o Espírito Santo, que age em toda a Igreja.

2.1 A recepção de *Aparecida* no tempo

Sabemos que o Concílio de Trento demorou quase cinquenta anos para começar a ser colocado em prática. Estamos há mais de quarenta anos do término do Vaticano II e, para muitos segmentos da Igreja, é ainda um grande desconhecido. Por um lado, isso mostra que a recepção, além de ser um processo gradativo, é também lenta; mas, por outro, que dada a velocidade das transformações no mundo de hoje, um descompasso com a história pode fazer um documento e sua proposição tornarem-se irrelevantes no momento de sua recepção.

Enquanto processo no tempo, a recepção de *Aparecida* se dá em duas grandes etapas. Uma fase importante, a primeira, termina no momento em que os participantes da Assembléia cessam de ser os protagonistas. Trata-se do conjunto dos esforços postos em prática pelos diferentes atores, para gestar e tornar conhecidas as decisões da Assembléia. Nesta etapa, além dos bispos, teólogos e pastoralistas, bem como os meios de comunicação, jogam um papel importante. Com relação a *Aparecida*, esta etapa deixa ainda muito a desejar. A proposta missionária da Quinta Conferência continua ainda muito desconhecida do povo de Deus em geral. Falta empenho, sobretudo do clero, em proporcionar ocasiões para que os leigos entrem em contacto com o espírito e o conteúdo do Documento de *Aparecida*.

A segunda etapa é o momento no qual a proposta em causa se infiltra e toma corpo na totalidade da vida eclesial. É o período em que as Igrejas locais vão assimilando metabolicamente o dado novo, integrando-o em sua vida concreta⁸. É uma fase longa e complexa⁹, pois significa

⁸ Cf. H. J. POTTMEYER, “Vers une nouvelle phase de réception de Vatican II. Vingt ans d'herméneutique du concile”, in G. ALBERIGO-J.P. JOSSUA (org.), *La Réception de Vatican II*, p. 48-52. Também de A. ANTON, La ‘recepción’ del Vaticano II y de su eclesiología, in *Revista Española de Teología* 48 (1988) p. 299-318.

⁹ Cf. J. WILLEBRANDS, Ecumenical Dialogue and its reception, in *Diakonia* 1-3 (1984-1985), p. 123-124.



mais do que uma simples “aplicação”, ou seja, a superposição de um dado sobre outro, mas uma verdadeira conversão, fruto da assimilação de um elemento por outro. Evidentemente que tal processo não pode obedecer a um calendário fixo. A recepção enquanto ‘infiltração’ ou ‘inculturação’ desemboca em uma nova síntese dos elementos em causa, escapando a qualquer diretividade. É o momento da realização também de assembleias de pastoral, que desembocam em planos concretos de ação, envolvendo o conjunto do povo de Deus, dos serviços e das estruturas eclesiais. Como já vimos, receber a proposta de *Aparecida* de uma Igreja em estado permanente de missão, implica conversão pastoral e renovação eclesial, o que só é possível num processo gradual e permanente.

2.2 A recepção de *Aparecida* num espaço determinado

A recepção é um processo histórico, que se inscreve não só no tempo, mas também num lugar ou contexto determinado. Toda recepção é inevitavelmente contextualizada, regional ou particular, contingente às circunstâncias das Igrejas locais, inseridas no seio da sociedade. Daí a dificuldade de um projeto de Missão Continental, que escape aos limites de confundir recepção com aplicação e processo com eventos isolados. Também porque o lugar da recepção não é neutro, ao contrário, o espaço onde um documento da Igreja é recebido determina a modalidade e as qualidades da recepção.

Em outras palavras, dadas as diferenças e peculiaridades dos contextos, a recepção de *Aparecida* não pode dar-se da mesma forma em toda parte. Seria reducionismo restringir a recepção somente às relações pessoais, negligenciando a relação Igreja-sociedade. As proposições da Quinta Conferência, na medida em que convoca todos os fiéis a serem o coração da Igreja no coração do mundo, ultrapassam os limites da vida intra-eclesial. No processo de recepção, a Igreja também “recebe” do mundo e da cultura. Se, por um lado, a Igreja é um dom de Deus à humanidade, por outro, é resposta de uma porção concreta da humanidade que acolhe este dom.

Neste processo num lugar determinado, se dá no encontro com as culturas. A recepção não é um mero transvasar de um conteúdo (um documento) num recipiente determinado (cultura)¹⁰. A relação entre uma

¹⁰ Cf. A. GONZÁLEZ DORADO, *Inculturación y endoculturación de la Iglesia en América Latina. Anotaciones para una investigación del proceso*, in *Estudios Eclesiásticos* 255 (1990) 405-442.



proposta e a Igreja local é de apropriação ou de assimilação do, segundo o modo dos receptores¹¹. Os sujeitos de uma recepção criativa não são os autores da proposta em causa, mas os receptores, que encarnam a seu modo a mensagem. A apropriação enquanto assimilação metabólica, por um lado, põe em relevo quem recebe e, por outro, o próprio bem assimilado é necessariamente transformado. Trata-se de uma assimilação ativa que leva, inevitavelmente, a uma recepção pluriforme¹². O processo de recepção passa por um processo de interpretação, o que faz com que nenhuma maneira de receber pode ser considerada absoluta. Uma determinada forma de recepção é apenas uma versão possível do dado recebido¹³.

Por isso, a diversidade na recepção não conduz necessariamente à divisão entre as Igrejas. Como na *pericorese* da Trindade, trata-se aqui da distinção que não compromete a comunhão, ao contrário, a forma própria de recepção, antes de ser ameaça, ao ser comunicada, é fator de novas possibilidades às outras Igrejas. É assim que um bem particular de uma Igreja torna-se o bem comum de toda a Igreja e que as Igrejas devem se reconhecer mutuamente. A recepção desencadeia um processo de intercâmbio entre as Igrejas, no fundo, também um processo de recepção mútua.

2.3 A recepção de *Aparecida* e seus atores

A recepção é um fenômeno complexo, pois além de implicar tempo e lugar, coloca em ação na Igreja local o conjunto do Povo de Deus. Uma Igreja local é a comunhão de pessoas com dons diversos, partilhando a vida em diferentes condições e desempenhando diferentes papéis, seja na Igreja, seja na sociedade¹⁴.

Os atores enquanto o conjunto do povo de Deus

A recepção não pode ser compreendida como um mero ato técnico e instrumental ou um processo sociológico, puramente numérico

¹¹ R. GREENACRE, *La Réception des textes des dialogues et la réception de la doctrine: deux problèmes pour les anglicans*, in *Irénikon* 58/4 (1985), p. 472.

¹² Cf. M. AZEVEDO, *Cristianismo, una experiencia multicultural. Cómo vivir y anunciar la fe cristiana en las diferentes culturas*, in *Medellin* 83 (1995) 229-249.

¹³ Trata isso de maneira sistemática em A. BRIGHENTI, *Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e passos metodológicos*, Paulinas 1998, especialmente p. 53-55.

¹⁴ Cf. Y. CONGAR, *La réception comme réalité ecclésiologique*, op. cit., p. 904-905.



e quantitativo¹⁵. Ela envolve o conjunto do povo de Deus, o verdadeiro sujeito da recepção. A participação de todos se dá sob um fundamento teológico, mais concretamente pneumatológico. Na medida em que os fiéis, pelo batismo, são depositários da diversidade de carismas no mesmo Espírito, a concepção de uma Igreja sacramento da comunhão da Trindade funda a participação de todos no processo de recepção. Sendo o Espírito quem alimenta a participação de todos e faz a unidade, a ação de todos não conduz à anarquia, nem à livre interpretação em função de gostos particulares, mas à sinergia e à escuta da fé de toda a Igreja. A diversidade de dons não leva à confusão, mas à expressão da variedade da unidade¹⁶.

Assim sendo, a recepção da proposta missionária de Aparecida, vai além do bispo ou do clero. Não se dá evidentemente sem o bispo e sem o clero, mas o papel destes, neste processo, é tornar conhecida a proposta; reconhecer e incentivar a participação de todos no processo; proteger a diversidade que se exprime em sua Igreja e mantê-la na unidade; e guardar, na comunhão de toda a Igreja, a recepção particular que acontece na própria Igreja local¹⁷.

A participação através de mecanismos

Para que a recepção se constitua num processo de todo o povo de Deus e não apenas de grupo particular na Igreja, faz-se necessária a criação de mecanismos de participação, que viabilizem a atuação de todos os interessados. Não basta a participação dos pastores e o trabalho dos teólogos: o magistério dos pastores, a teologia dos doutores e o *sensus fidelium* são três elementos indissociáveis e ligados entre si¹⁸. Para que

¹⁵ J. WILLEBRANDS, *The Ecumenical Dialogue and its Reception*, op. cit. p. 122.

¹⁶ Cf. Gilles ROUTHIER, *La réception d'un Concile*, op. cit., p. 140-141. Y. Congar ressalta que "o consenso, a unanimidade, é efeito do Espírito Santo e o sinal de sua presença. É ele que estabelece a unidade da Igreja no espaço e no tempo, ou seja, segundo a dupla dimensão de sua catolicidade e sua apostolicidade ou Tradição", cf. Y. CONGAR, *La réception comme réalité ecclésiologique*, op. cit., p. 902.

¹⁷ Cf. Gilles ROUTHIER, *La réception d'un Concile*, op. cit., p. 142. Ver, também, Y. CONGAR, *La réception comme réalité ecclésiologique*, op. cit., p. 904-905, em que o autor fala de duas vias de acesso à unanimidade: a obediência e a recepção. A primeira considera a Igreja como sociedade sujeita a uma autoridade monárquica; a segunda concebe a Igreja como comunhão de Igrejas. A segunda concepção permaneceu viva durante todo o primeiro milênio; a primeira dominou o Ocidente entre a Reforma do século XI e o Vaticano II.

¹⁸ Cf. J. M. TILLARD, "Théologie et vie ecclésiale", in *Initiation à la pratique de la théologie*, Ed. du Cerf, Paris 1982, T. I, p. 161-182.



seja operante, a recepção supõe formas de intercâmbio e de comunicação inter-pessoal e inter-ecclesial.

2.4 A recepção de *Aparecida* em sua proposta missionária

A recepção, enquanto processo de intercâmbio, não engaja somente atores diferenciados, situados no tempo e no espaço, mas implica igualmente e principalmente a proposta em causa. É em vista dela que o processo foi desencadeado. Para isso, faz-se necessário, por um lado, um bom conhecimento da proposta e, por outro, ligar a mesma com a com a fé da Igreja, com a Mensagem revelada.

O estudo da proposta

No processo de recepção, primeiro é preciso situar a proposta, que chega através de um documento, dentro do evento que a gerou. A Quinta Conferência é muito mais do que a Assembléia que, por sua vez, é mais do que o documento. Em outras palavras, é preciso situar o texto em seu pré-texto e con-texto, condição para captar seu espírito. Fora de seu espírito a letra é morta e o texto perde seu sentido e força.

Para isso, faz-se necessário recorrer aos recursos de crítica histórica e literária de que hoje dispomos, a começar pelos princípios gerais de interpretação dos textos, que nos remetem à história de sua produção, ou seja, ao processo de redação e ao contexto geral no qual se inscrevem os seus enunciados¹⁹. Além disso, é importante estar atento ao movimento do texto, no qual uma proposição particular pode ser melhor compreendida, quando colocada em relação a outras afirmações de outros documentos. Ou seja, ao pôr em diálogo diferentes documentos, conseguimos perceber se um enunciado se constitui numa preocupação marginal ou central. Concretamente, compreende-se melhor *Aparecida*, se situamos o documento em relação a *Santo Domingo, Puebla, Medellín* e, na base deles, o Concílio Vaticano II. *Aparecida* se insere na já longa e significativa tradição latino-americana.

Outro recurso importante para a interpretação da proposta em seu espírito, em vista de sua recepção, é fazer vir à tona as diferentes redações do texto. A rejeição de uma proposição, seja pela assembléia seja pela

¹⁹ Cf. J. M. ROVIRA BELLOSO, *Vaticano II: un concilio para el tercer milenio*, BAC, Madrid 200, p. 29-61, aquí p. 18-19.



Comissão de Redação ou outra instância, não modifica o texto, mas é um indicador precioso de uma posição da Assembléia sobre um tema determinado²⁰. Como no caso de *Aparecida*, o que vale ou o que está para ser recebido é o Documento Oficial, mas este pode e deve ser lido tendo presente o Documento Original, incluídas as quatro sucessivas redações pelas quais o texto passou até chegar ao texto definitivo.

A ligação da proposta com a fé da Igreja

A proposta a ser recebida não é algo periférico e passageiro. No fundo, o que se propõe para sujeitos concretos, numa situação particular e num tempo determinado, é a fé apostólica, com a finalidade de nos conduzir a uma maior comunhão com Deus e com a humanidade²¹. Como nos faz ver São Paulo, a fé cristã é essencialmente um ato de recepção daquilo que é transmitido. Por isso, o processo de recepção se constitui para a Igreja num novo encontro com o Evangelho que, lido desde um novo contexto, é entendido e acolhido de uma maneira original. É o momento crucial da recepção, de um *consenso vertical* com o Evangelho e de um *consenso horizontal*, uma vez que o testemunho comum de toda a Igreja engaja o consenso dos fiéis de uma Igreja local na comunhão das outras Igrejas²².

3 O itinerário da proposta missionária de *Aparecida*

A proposta da Quinta Conferência de Aparecida é sermos uma Igreja em estado permanente de missão, à luz da opção pelos pobres, em pequenas comunidades, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham Vida. O Documento propõe percorrer um caminho, em quatro etapas (Dap 226): Experiência pessoal de fé, Vivência comunitária, Formação bíblico-teológica e Compromisso missionário de toda a comunidade.

Primeira Etapa: Experiência pessoal de fé

Uma Igreja em estado permanente de missão a serviço da vida plena de nossos povos, depende de discípulos missionários que tenham feito uma experiência pessoal de fé, profunda e intensa, de encontro

²⁰ Cf. J. P. JOSSUA (éd.), *La Réception du Vatican II*, Éd. du Cerf, Paris 1985, p. 58-60.

²¹ Cf. J. ZIZIOLAS, *The Theological Problem of "Reception"*, op. cit., p. 5.

²² Cf. 1Cor 11,23; Gl 1,9-12.



pessoal com Jesus Cristo. Por isso, *Aparecida* propõe que a ação evangelizadora chegue às pessoas, para além de comunidades massivas, constituídas de cristãos não evangelizados, sem conversão pessoal, de fraca identidade cristã e pouca pertença eclesial. Nesta primeira etapa, meios privilegiados são o testemunho dos evangelizadores e o anúncio querigmático, que são fontes de conversão pessoal e mudança integral de vida (Dap 226a).

Neste particular, tomando distância de um possível cristomonismo, *Aparecida* propõe uma espiritualidade trinitária do encontro de Jesus Cristo. Segundo o Documento, uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve se estabelecer sobre o fundamento da Trindade-Amor (Dap 240). Na história do amor Trinitário, Jesus de Nazaré, homem como nós e Deus conosco, morto e ressuscitado, nos é dado como Caminho, Verdade e Vida (Dap 242). O início do discipulado é o encontro com o acontecimento de Jesus (Dap 243). A própria natureza do cristianismo consiste em reconhecer a presença de Jesus e segui-lo (Dap 244).

Lugares de encontro com Jesus Cristo. O encontro com Jesus Cristo, no Espírito, realiza-se na fé, recebida e vivida na Igreja, através de mediações (246). *Aparecida* põe em relevo algumas mediações privilegiadas: a *Sagrada Escritura* (como a própria Igreja é fruto da Palavra acolhida na fé, urge educar o povo na leitura e meditação da Palavra, o que supõe a animação bíblico-pastoral de toda a comunidade: Dap 248); a *Liturgia* (em especial a Eucaristia, é lugar do encontro com o Ressuscitado na Igreja e fonte de impulso missionário: Dap 251); o *Sacramento da Reconciliação* (que nos dá o dom de seu perdão misericordioso e nos devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo, com o coração aberto e generoso: Dap 254); a *Comunidade* (encontramos Jesus na oração pessoal e comunitária, assim como no meio de uma comunidade viva, na fé e no amor fraterno: Dap 225); os *pobres* (no reconhecimento desta presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos, se joga a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo, pois a opção pelos pobres é constitutiva da fé cristológica: Dap 257); a *religiosidade popular* (é uma multidão que merece nosso respeito e carinho, pois é testemunha da experiência de um mistério que a supera: Dap 258); *Maria* (a discípula mais perfeita do Senhor: Dap 267), que perseverando junto com os apóstolos à espera do Espírito, cooperou com o nascimento da Igreja missionária: Dap 266); os *santos* (nos apóstolos Pedro, Paulo, João (Dap 273), São José (Dap 274) e em tantos homens e mulheres que espalharam em toda parte as sementes do Evangelho, vivendo corajosamente sua fé, inclusive derra-



mando seu sangue como mártires, recolhemos sua herança e nos sentimos chamados a continuar, com renovado ardor apostólico e missionário, o estilo evangélico de vida que nos transmitiram: *DAp* 275).

Segunda Etapa: Vivência comunitária

Uma vez tendo-se propiciado a oportunidade do discípulo missionário fazer a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo, é preciso que ele encontre uma comunidade que lhe possibilite viver comunitariamente sua fé.

Diz *Aparecida* que nossos fiéis procuram comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos. Insiste sobre a necessidade de nossos fiéis sentirem-se realmente membros de uma comunidade eclesial e co-responsáveis em seu desenvolvimento. Isso permitirá maior compromisso e entrega 'na' e 'pela' Igreja (*DAp* 226b).

Para *Aparecida*, não há cristãos sem Igreja (*DAp* 156). Lembra que Jesus, no início de seu ministério, elege os doze para viver na comunhão com Ele (*DAp* 154). Assim, os discípulos de Jesus estão chamados a viver a comunhão com o Pai e o Filho, na comunhão do Espírito Santo. O mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja – sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (*DAp* 155). Por isso, a “*vocação*” ao discipulado missionário é “*con-vocação*” à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão, ao contrário dos que pensam os “cristãos sem Igreja” e as novas buscas espirituais individualistas. A fé nos liberta do isolamento do “eu”, porque nos conduz à comunhão. Consequentemente, a pertença a uma comunidade concreta é uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão (*DAp* 156). Ao receber a fé e o batismo, somos chamados a viver e transmitir a comunhão com a Trindade, pois a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária, na comunidade eclesial (*DAp* 157). A comunhão da Igreja se nutre do Pão da Palavra e do Pão do Corpo de Cristo. Por isso, a Igreja que celebra a Eucaristia, é “*casa e escola de comunhão*” (*DAp* 158).

Para *Aparecida*, a Igreja, como comunidade de amor, está chamada a refletir o amor de Deus, que é comunhão e, assim, atrair as pessoas e os povos para Cristo. A Igreja cresce não por proselitismo, mas pela atração da força do amor de Cristo. A Igreja “*atrai*”, quando vive em comunhão (*DAp* 159). A Igreja peregrina vive antecipadamente a beleza do amor,



que se realizará no final dos tempos na perfeita comunhão com Deus e as pessoas. Sua riqueza consiste em viver, já na história, a “*comunhão dos santos*”. Fere a comunhão, portanto, a participação esporádica de numerosos católicos (*DAp* 160). A diversidade dos carismas é dom do Espírito Santo, que contribui para a comunhão, quando colocados à disposição dos demais. Por isso, cada comunidade está chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos com os quais o Espírito Santo presenteia os fiéis (*DAp* 162). A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão (*DAp* 173).

O próprio ecumenismo, diálogo com outras Igrejas e comunidades eclesiais, é conseqüência de uma eclesiologia de comunhão (*DAp* 227) e “*expressa a comunhão real, ainda que imperfeita*”, já que a Trindade e o Batismo estão na base deste esforço. O contato ecumênico favorece a estima recíproca, convoca à escuta comum da Palavra de Deus e chama à conversão (*DAp* 232). O diálogo desperta novas formas de discipulado e missão em comunhão, pois onde se estabelece o diálogo diminui o proselitismo (*DAp* 233). Expressão da comunhão é também diálogo inter-religioso, especialmente com as religiões monoteístas. Este imperativo cristão se funda no fato de elas refletirem a luz de Cristo, que ilumina a todos (*DAp* 237), como afirmou o Vaticano II. É preciso, pois, investir no conhecimento das religiões, no discernimento teológico-pastoral e na formação de agentes competentes para o diálogo inter-religioso (*DAp* 238). Não se pode perder de vista que o diálogo inter-religioso abre caminhos para a construção de uma nova humanidade, promovendo a liberdade e a dignidade dos povos, estimulando a colaboração pelo bem comum, superando a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas e educando para a paz e a convivência cidadã (*DAp* 239).

Lugares eclesiais para a comunhão. Na perspectiva da eclesiologia do Concílio Vaticano II, *Aparecida* recolhe a tradição de *Medellín*, vendo nas comunidades eclesiais de base o “*núcleo inicial da estrutura eclesial*” (*DAp* 178), unidas à paróquia, no seio de uma Igreja Local. É entre estes dois pólos que se situa a experiência comunitária cristã: a vivência da fé em uma comunidade de tamanho humano, pequeno, no seio de uma Igreja autóctone - a Igreja Local. *Aparecida* põe em relevo quatro lugares principais de comunhão: a *Igreja Local* (a Diocese é o primeiro âmbito da comunhão e da missão, por isso, ela deve promover uma ação pastoral orgânica, renovada e vigorosa, de modo que a variedade dos carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem a um projeto missionário comum: *DAp* 169); a *paróquia, comunidade*



de comunidades (elas são células vivas da Igreja, mas é preciso uma vigorosa renovação das mesmas a fim de que sejam, de fato espaços de iniciação cristã, educação e celebração da fé, abertas à diversidade dos carismas, serviços e ministérios, organizadas de maneira comunitária e responsável, integradoras de movimentos e abertas à diversidade cultural e a projetos pastorais supra-paroquiais e das realidades circundantes: *DAp* 170); as *Comunidades Eclesiais de Base* (as CEBs resgatam a experiência das primeiras comunidades, conforme os Atos dos Apóstolos, permitindo o povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos: *DAp* 178); as *Conferências Episcopais e a comunhão entre as Igrejas* (na Conferência Episcopal, os bispos encontram seu espaço de discernimento solidário sobre os grandes problemas da sociedade e da Igreja e o estímulo para oferecer orientações pastorais, que animem todo o povo de Deus a assumir sua vocação de discípulos missionários (*DAp* 181), além de nela encontrarem o espaço para expressar sua solicitude para com todas as Igrejas, especialmente com as mais próximas: *DAp* 182).

Terceira Etapa: Formação bíblico-teológica

O discipulado, de seu encontro pessoal com Jesus Cristo, no seio de uma comunidade eclesial concreta, de tamanho humano, para constituir-se em discipulado missionário, precisa caminhar para uma terceira etapa – a formação bíblico-teológica. Diz *Aparecida* que nossos fiéis precisam aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus e os conteúdos da fé, condição para o amadurecimento da fé – o crescimento espiritual, pessoal e comunitário. Por isso, essa formação não consiste em um conhecimento teórico e frio, ao contrário, precisa ser vivencial, recebida no seio da comunidade (*DAp* 226c). A vocação e o compromisso de ser discípulos e missionários na América Latina e o Caribe, requer uma clara e decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades (*DAp* 276).

A formação comporta um processo integral (abarcando todas as dimensões da pessoa), tendo na base o anúncio querigmático (a presença de Cristo Ressuscitado, hoje, na Igreja) e seu caráter permanente, dadas as exigências do serviço a prestar (*DAp* 279). Uma formação em *quatro dimensões*, integradas harmonicamente ao longo do processo: a) *A Dimensão Humana e Comunitária*: levar a pessoa a assumir a história e ser capaz de viver como cristão em um mundo plural, com equilíbrio,



fortaleza, serenidade e liberdade interior. b) *A Dimensão Espiritual*: fundar o ser cristão na experiência de Deus, manifestado em Jesus, e que conduz pelo Espírito ao amadurecimento profundo. c) *A Dimensão Intelectual*: pelo conhecimento bíblico-teológico e das ciências humanas, potencializar o dinamismo da razão, bem como capacitar para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura, para adquirir a necessária competência em vista dos serviços eclesiais e uma adequada presença na vida secular. d) *A Dimensão Pastoral e Missionária*: um autêntico caminho cristão projetado para a missão no mundo, para construir o Reino de Deus, em colaboração fraterna com todos os membros da comunidade (*DAp* 280).

Uma formação respeitosa do processo das pessoas implica itinerários diversificados, segundo o ritmo da comunidade; na diocese, um projeto orgânico de formação aprovado pelo bispo e elaborado pelos organismos diocesanos competentes com todas as forças vivas – associações, serviços e movimentos, comunidades religiosas, pequenas comunidades, comissões de pastoral social; com equipes de formação devidamente preparadas, integradas também por leigos, que assegurem a eficácia do processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas (*DAp* 281).

Há também a exigência de uma formação com acompanhamento, capacitando aqueles que vão acompanhar espiritual e pastoralmente a outros (*DAp* 282), na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. É urgente uma formação específica, sobretudo aos leigos e leigas, para que possam ter incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo “no vasto mundo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização” (*EN* 70) (*DAp* 283).

A formação bíblico-doutrinal, entretanto, não pode perder de vista a iniciação cristã e catequese permanente. Há uma alta porcentagem de católicos sem consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com fraca identidade cristã, participação comunitária e compromisso cidadão. (*DAp* 287) É um grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a vivência cristã. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade de iniciação cristã, que eduque realmente na fé, pois ela tem sido pobre e fragmentada (*DAp* 286). A iniciação cristã é a maneira prática de colocar



alguém em contato com Jesus Cristo e de introduzi-lo no discipulado, dando a oportunidade de iniciá-lo nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal ou pós-batismal, nos três sacramentos da iniciação: batismo, confirmação e eucaristia (DAP 288). Depois dela, vem a catequese permanente (DAP 294). A catequese não pode ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos, mas um itinerário permanente. Também não pode limitar-se a uma formação meramente doutrinal, mas constituir-se em uma verdadeira escola de formação integral (DAP 299).

Lugares de formação para os discípulos missionários: a família (ela é “escola de comunhão”, mas para que seja “escola da fé”, os pais precisam ser os primeiros catequistas e a pastoral familiar deve oferecer espaços de formação, materiais catequéticos e momentos celebrativos: DAP 302); a *paróquia* (é célula viva da Igreja, encerra uma imensa riqueza comunitária, pois nela se encontra uma imensa variedade de situações, idades e tarefas (304), mas para que seja centro de irradiação missionária, precisa ser também lugar de formação permanente, com várias instâncias, que assegurem o acompanhamento e o amadurecimento de todos os agentes de pastoral e dos leigos inseridos no mundo: DAP 306); as *comunidades eclesiais de base* (elas são o ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para a oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje (DAP 308), meio privilegiado para chegar aos distantes, aos indiferentes e aos que têm descontentamento ou ressentimento em relação à Igreja: DAP 310); os *movimentos eclesiais e novas comunidades* (neles, os fiéis encontram a possibilidade de formar-se, crescer e comprometer-se como verdadeiros discípulos (DAP 311), é preciso, entretanto, que se integrem mais plenamente na estrutura originária, que se dá na Diocese: DAP 313); os *Seminários diocesanos e Casas de formação de religiosos* (o projeto formativo precisa oferecer uma formação integral: humana, espiritual, intelectual e pastoral (DAP 319), de modo que os candidatos cheguem a um projeto de vida estável e definitivo, em meio a uma cultura que exalta o descartável e o provisório (DAP 321), sem esquecer que a formação intelectual precisa ser séria e profunda, no campo da filosofia, das ciências humanas e especialmente da teologia e da missiologia: DAP 323); a *educação católica* (diante da exclusão, a escola católica e a universidade católica deverão estimular uma educação de qualidade para todos, formal e informal, especialmente para os mais pobres: DAP 334).



Quarta Etapa: Compromisso missionário de toda a comunidade

A experiência pessoal de fé, a vivência comunitária e a formação bíblico-teológica confluem para uma quarta etapa: o compromisso missionário de toda a comunidade (226d). Para *Aparecida*, uma Igreja em estado permanente de missão precisa envolver-se com as famílias, os menores, os jovens e adolescentes, os idosos, as mulheres, e a ecologia. Cada comunidade cristã precisa converter-se em um poderoso centro de irradiação da vida em Cristo (DAP 362), no mundo da cultura (DAP 479-480), da comunicação social (DAP 485-490), nos centros de decisão (DAP 491-500) e na vida pública (DAP 501-508).

Para *Aparecida*, a família deve ser assumida como um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora da Igreja. Por isso, em cada Diocese, se requer uma pastoral familiar “intensa e vigorosa”, para proclamar o Evangelho da família, promover a cultura da vida e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados (DAP 435). Os menores, em sua situação de pobreza, de violência intra-familiar, de abuso sexual, situação agravada pelos menores trabalhadores, de rua, portadores do HIV, órfãos, expostos à pornografia e à prostituição forçada, tanto virtual como real (DAP 439), precisam ter da parte da Igreja uma atitude de respeito e acolhida, a exemplo de Jesus, assim como de tutelação de sua dignidade e direitos inalienáveis (DAP 441).

Merecem especial atenção os adolescentes. É necessário estimular uma pastoral específica para essa idade (DAP 442). Por sua vez, os jovens são os mais expostos aos efeitos da pobreza, vítimas de toda sorte de alienações, afetando sua própria identidade pessoal e social. São presas fáceis das novas propostas religiosas e pseudo-religiosas (DAP 444). Estão afetados por uma educação de baixa qualidade. Há uma ausência de jovens na política. Outros não têm possibilidade de estudar ou trabalhar, sendo obrigados a deixar seus países, engrossando o contingente dos migrantes (DAP 445). Por isso, é preciso: renovar, em estreita união com a família, a opção pelos jovens; privilegiar, na pastoral da juventude, processos de educação e amadurecimento na fé, formando os jovens de maneira gradual para a ação política e a mudança das estruturas, e fazendo própria a opção preferencial pelos pobres; e propiciar capacitação profissional para que não caiam na droga e na violência (DAP 446).

Quanto aos idosos, a Igreja se sente comprometida em dar-lhes atenção humana, incorporando-os na missão evangelizadora (DAP 450). Quanto às mulheres, urge que possam participar plenamente da vida ecle-



sial, familiar, cultural, social e econômica, criando-se espaços e estruturas que favoreçam sua inclusão (Dap 454). Entre as ações pastorais, neste particular, cabe: impulsionar uma organização pastoral que promova seu protagonismo; garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios, assim como nas esferas de planejamento e decisão; e, acompanhar as associações femininas que lutam para superar situações difíceis (Dap 458). Também não se pode esquecer que tradicionalmente, uma porcentagem significativa de homens na América Latina se mantiveram à margem da Igreja, o que questiona fortemente o estilo de nossa pastoral convencional (Dap 461). Por isso, é preciso incluir nos conteúdos de formação na Igreja, a reflexão em torno da vocação à qual o homem está chamado a viver no casamento, na família, na Igreja e na sociedade; aprofundar o papel específico que cabe ao homem na construção da família; denunciar a mentalidade neo-liberal que não vê no pai de família mais do que um instrumento de produção e ganância; e favorecer a participação ativa dos homens na vida da Igreja (Dap 482).

Finalmente, o compromisso missionário da comunidade eclesial envolve também a ecologia. Diante dos desafios atuais neste campo, cabe: evangelizar nossos povos para que descubram o dom da Criação e aprendam a contemplar e cuidar da casa de todos, e adotem um estilo de vida sóbrio e austero; buscar um modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado numa ética que inclua a responsabilidade por uma ecologia natural e humana; empenhar esforços na promulgação de políticas públicas, que assegurem a proteção, conservação e restauração da natureza; determinar medidas de monitoramento sobre a aplicação, nos países, dos acordos internacionais (Dap 474). Sem esquecer da necessidade de se criar consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade, estabelecendo entre as Igrejas Locais e os países da região, uma pastoral de conjunto com prioridades garantidoras de um desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum (Dap 475).

Novos lugares do compromisso missionário da comunidade. A evangelização não pode prescindir dos meios de comunicação social. Com eles, a Igreja proclama “de cima dos telhados” a mensagem de que é depositária (Dap 485). Mas, eles não substituem as relações pessoais, nem a vida comunitária (Dap 489). Também tarefa de grande importância é a formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão. É preciso empregar esforços na evangelização de empresários, políticos e formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais e co-



munitários (Dap 493). Novo campo missionário é a pastoral do turismo e do entretenimento nos clubes, nos esportes, no cinema e centros comerciais (Dap 492). Também é preciso valorizar o diálogo entre fé e ciência (Dap 495), assim como comunicar os valores evangélicos de maneira positiva e propositiva, pois são muitos os que se dizem descontentes, não tanto com o conteúdo da doutrina da Igreja, mas com a forma como ela é apresentada (Dap 497). Em resumo, os discípulos missionários de Cristo devem iluminar com a luz do Evangelho todos os espaços da vida social. A opção preferencial pelos pobres exige uma atenção pastoral aos construtores da sociedade. Se muitas estruturas atuais geram pobreza, em parte se deve à falta de fidelidade aos compromissos evangélicos de muitos cristãos, com especiais responsabilidades políticas, econômicas e culturais (Dap 501).

A modo de conclusão

A recepção de um documento do magistério, como no caso do Documento de Aparecida, é um fenômeno complexo. Por um lado, a recepção da proposta missionária de *Aparecida* não pode ser compreendida como um mero ato técnico e instrumental ou um processo sociológico, puramente numérico e quantitativo. A recepção envolve o conjunto do povo de Deus, seu verdadeiro sujeito, cuja participação se dá sob um fundamento teológico, mais concretamente pneumatológico. Como dissemos, na medida em que os fiéis, pelo batismo, são depositários da diversidade de carismas no mesmo Espírito, a concepção de uma Igreja sacramento da comunhão da Trindade funda a participação de todos no processo de recepção. A recepção é um processo de comunhão, no qual, em torno ao objeto em causa, a Igreja Local comunga com a fé confessada pelas Igrejas desde os apóstolos. Embora uma proposta eclesial não possa estabelecer-se independentemente e fora da comunhão da fé confessada pelos fiéis, a validade de um ensinamento magisterial não vem da aprovação dos fiéis, mas da conformidade do enunciado com a fé apostólica.

Por outro lado, do ponto de vista operacional, a recepção implica um processo que envolve tempo, lugar, atores e a proposta a ser recebida. É, antes de tudo, um processo de intercâmbio e de comunicação, pois



ela engaja atores concretos em torno a um bem a ser recebido. Não é um processo unilateral, de mão-única, de mero assentimento intelectual de um conjunto de verdades. Antes, trata-se da assimilação metabólica ou da inculturação de um ensinamento num lugar determinado, operada pelos atores de uma Igreja local, inserida no seio da sociedade. Preocupada com a operacionalidade, *Aparecida* nos presenteou não só com uma bela e desafiante proposta como teve o cuidado de visualizá-la num rico itinerário, em quatro etapas. O ponto de chegada depende de nos colocarmos, resolutamente, no ponto de partida. A hora é agora.

Endereço do Autor:

ITESC – Cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
E-mail: agenor.brighenti@itesc.org.br



Resumo: O documento de Aparecida não enfrentou com suficiente vigor alguns desafios estruturais na Igreja atual, como a questão do sujeito e das formas de exercer o ministério ordenado, a nomeação dos bispos e o ministério dos bispos eméritos, entre outros. É preciso responder a uma questão fundamental: como devem ser as estruturas eclesiais para responder satisfatoriamente às exigências da Igreja proposta pela V. Conferência.

Abstract: The Document of Aparecida did not meet with sufficient vigor some structural challenges in the Church today, as for instance the question regarding the subject and the modes of exercising the ordained ministry, the nomination of bishops, and the ministry of emeritus bishops, among others. A fundamental question needs to be answered as how the ecclesial structures have to be in order to correspond satisfactorily to the requirements made by the Church as proposed in the V Conference.

Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida

J. B. Libanio*

* O Autor é Doutor em Teologia, Professor no Centro de Estudos da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, e autor de inúmeros livros e artigos.